



MASTITE BOVINA

Danielly Rodrigues Santos Sampaio¹, Júlia Dias Campos² e Luana Alves Silva³, Lucas Milagres Nogueira⁴

^{1,2,3} discentes no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário UNA – Bom Despacho/MG – Brasil -
*Contato:daniellysampaio14@gmail.com

⁴ Docente do Centro Universitário Uma – Bom Despacho/MG - Brasil

INTRODUÇÃO

A mastite em bovinos é uma das enfermidades mais frequentes e desafiadoras na produção de leite, impactando a saúde dos animais e a qualidade do leite produzido¹. A mastite, que se caracteriza pela inflamação da glândula mamária, pode ser provocada por diversos agentes patogênicos, como bactérias, fungos e até mesmo elementos não infecciosos. A incidência da mastite não afeta apenas a saúde dos animais, como também acarreta prejuízos financeiros consideráveis para os criadores, devido à redução na produção de leite, despesas com tratamento e eliminação de leite contaminado. Este estudo visa discutir as causas, categorias, diagnóstico, terapia e prevenção da mastite bovina, ressaltando sua relevância na produção de leite.

MATERIAS E MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido com base em informações pesquisadas em sites de referência, como o “Google Acadêmico”, “PUBVET” e artigos científicos, abordando temas relevantes relacionados a CCS, glândulas mamárias e infecções.

RESUMO DO TEMA

Mastite é uma inflamação do tecido da glândula mamária das vacas. Sendo assim existem dois tipos de mastite: mastite subclínica e mastite clínica⁸. Tendo em conta que a mastite clínica existem três graus. Podendo variar de acordo com a gravidade da situação, a terceira sendo a mais grave de todas. Para uma boa estratégia de tratamento e controle, a ocorrência deve estar bem visível. Essa análise e identificação é feita por meio de análises microbiológicas³.

A evolução da mastite pode ser dividida em três fases: invasão, contaminação e inflamação. O período invasivo se refere ao período em que a invasão ocorre. Os patógenos se deslocam da extremidade do teto para o leite através do canal de leite. do útero. A fase de infecção é quando os patógenos se multiplicam. Eles se reproduzem rapidamente e penetram no tecido mamário. A fase de estágio a inflamação é a fase que apresenta diversos níveis de anomalias clínicas com efeitos sistêmicos de moderados a severos, além de anormalidades úbere⁸.

Os resultados da análise microbiológica podem ser divididos em duas categorias principais, que se baseiam na origem das bactérias e na forma como são transmitidas. Essas categorias são: agentes que causam mastite contagiosa e agentes que causam mastite ambiental⁸.

A mastite bovina, importante doença do gado leiteiro, pode ser dividida em dois tipos principais: mastite contagiosa e mastite ambiental, cada uma com características distintas em relação à incidência, agentes etiológicos, formas de transmissão e sinais clínicos.

A mastite contagiosa apresenta alta incidência de casos subclínicos, o que contribui para a disseminação silenciosa da infecção, com elevação da Contagem de Células Somáticas (CCS) e evolução para quadros de longa duração ou crônicos. Os principais agentes causadores incluem *Streptococcus agalactiae*, *Staphylococcus aureus*, *Corynebacterium bovis* e *Mycoplasma spp.*, patógenos que se mantêm na glândula mamária da vaca infectada e se transmitem para animais sadios por meio de utensílios contaminados, contato entre animais e através das mãos dos ordenhadores. Os sinais clínicos podem ser discretos em infecções subclínicas, mas, em casos crônicos, podem levar à redução da produção leiteira e alterações na consistência do leite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação de boas práticas de manejo, como higiene adequada durante a ordenha, monitoramento frequente da saúde das vacas e educação contínua dos trabalhadores rurais sobre os sinais precoces da doença são essenciais para minimizar os impactos da mastite. O controle eficaz da mastite não apenas melhora o bem-estar animal, mas também contribui para a sustentabilidade econômica das propriedades leiteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, A. C. et al. **Mastites em ruminantes no Brasil. Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 36, n. 7, p. 565-573, 2016
- Arcanjo, A. H. M. et al. **Programa dos seis pontos de controle da mastite em rebanhos leiteiros**. *Global Science and Technology*, 10(1). 2017
- dsm-firmenich. Mastite bovina: **Saiba o que é mastite clínica e subclínica, como identificar e tratar!**. (2020)
- ECKEL, E. F.; AMETAJ, B. N. **Endotoxinas bacterianas e seu papel em doenças periparturientes de vacas leiteiras: perspectivas de vacinas mucosas**. *MDPI Dairy*, v. 1, p. 61-90, 2020.
- LANGE, M. J. et al. **Tipologia de manejo de ordenha: análise de fatores de risco para a mastite subclínica**. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, v. 37, n. 11, p. 1205-1212, 2017

XI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



6. Langoni, H. et al. **Considerações sobre o tratamento das mastites.** *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 37(11), 1261–1269. (2017)

7. NASCIMENTO, K. B. et al. **Efeito da contagem de células somáticas sobre a composição do leite de vacas girolando.** *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, v. 14, n. 3, p. 72-72, 21 dez. 2016.

8. Pereira.M. et al. **DIAGNÓSTICO E CONTROLE DE MASTITE BOVINA: uma revisão de literatura.** *Revista Agroveterinária Do Sul De Minas - ISSN: 2674-9661*, 1(1), 41 - 54, 2019